



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOZEFA MÔNICA DANTAS BATISTA

**SUBMISSÃO E OUSADIA DA PERSONAGEM ESTER EM *TERRAS DO SEM FIM*
DE JORGE AMADO**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2015**

JOZEFA MÔNICA DANTAS BATISTA

**SUBMISSÃO E OUSADIA DA PERSONAGEM ESTER EM *TERRAS DO SEM FIM*
DE JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades-CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora:
Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B333s Batista, Jozefa Mônica Dantas.
Submissão e ousadia da personagem Ester em Terras Do Sem Fim de Jorge Amado [manuscrito] / Jozefa Monica Dantas Batista.
- 2015.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2015.
"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Personagem. 2. Submissão. 3. Ousadia. I. Título.

21. ed. CDD 800

JOZEFA MÔNICA DANTAS BATISTA

**SUBMISSÃO E OUSADIA DA PERSONAGEM ESTER EM *TERRAS DO SEM FIM*
DE JORGE AMADO**

Aprovado em 15 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Marta Lúcia Nunes

Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes – UEPB/CAMPUS IV
Orientadora

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de A. Praxedes – UEPB/CAMPUS IV
Examinadora

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes – UEPB/CAMPUS IV
Examinadora

A Deus por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Aos meus pais, razão do meu viver. Mainha, sua dedicação e cuidado me deu, em alguns momentos difíceis, a esperança para seguir. Painho, sua presença significa segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho e deu-me força e coragem durante esse percurso. Aos meus pais, os amores da minha vida, João e Rita, fontes do meu conhecimento, que sempre me deram força nos momentos difíceis desta caminhada acadêmica e fora dela, pois estão sempre ao meu lado. As minhas irmãs, Cilia e Karine, que apesar de morarem longe, continuamente incentivaram-me a seguir a jornada acadêmica nos momentos em que eu estava com dificuldade.

Como também a todos os meus colegas, em especial as minhas amigas e companheiras de trabalho, Edna, Eliane e Gheyzna que estiveram ao meu lado neste percurso, sempre presentes em todos os momentos.

Aos docentes da UEPB, Campus IV, fontes mediadoras do meu saber, que foram tão importantes na minha vida acadêmica, e em especial a minha orientadora, Profa. MartaLúciaNunes, pela orientação, apoio e confiança.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação muito obrigada. A minha caminhada acadêmica foi graças a essas pessoas que estiveram sempre ao meu lado durante os altos e baixos dessa jornada.

Casamento é o destino tradicionalmente oferecido às mulheres pela sociedade. Também é verdade que a maioria delas é casada, ou já foi, ou planeja ser, ou sofre por não ser.

Simone de Beauvoir

SUBMISSÃO E OUSADIA DA PERSONAGEM ESTER EM *TERRAS DO SEM FIM* DE JORGE AMADO

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar a submissão e a ousadia que caracterizam o comportamento da personagem Ester no romance *Terras do sem fim* de Jorge Amado. Para subsidiar a discussão foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de acordo com as concepções de: Candido (2010), Bosi (2006), Pinto (2003), Von Koss (2000), Beauvoir (1967), dentre outros. A pesquisa possibilitou reflexões sobre a categoria personagem de ficção, a submissão e a luta pela emancipação feminina, fatores que influenciaram a oscilação no comportamento da referida personagem, a qual é apresentada no início da obra como submissa, medrosa e ingênua, mas no decorrer do enredo vai desenvolvendo outros traços de personalidade marcados principalmente pela ousadia. É um trabalho que se concentra nas discussões de gênero dentro da narrativa, tendo como norte a reflexão acerca das mudanças ocorridas no comportamento da personagem e a maneira como o desenvolvimento social e psicológico da mesma constrói múltiplos olhares acerca do lugar que a mulher ocupa nas transformações de costumes descritos ao longo do enredo.

Palavras-chave: Personagem. Submissão. Ousadia.

ABSTRACT

The main objective of this study is to examine the submission and boldness that characterize Ester character's behavior in the novel *Terras do Sem Fim* of Jorge Amado. To support the discussion a literature search was performed, according to the concepts of: Candido (2010), Bosi (2006), Pinto (2003), Von Koss (2000), Beauvoir (1967), among others. The research enabled reflections on the category fictional character, the submission and the struggle for women's emancipation, factors influencing the oscillation behavior of that character, which is presented at the beginning of the novel as submissive, fearful and naive, but during the romance develops other personality traits marked mainly by daring. It is a work that focuses on gender discussions within the narrative, with the North to reflect on the changes in the behavior of the character and the way the social and psychological development of it builds multiple perspectives about the place women occupy in the transformations customs described throughout the plot.

Keywords: Character. Submission. Boldness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ASPECTOS REALISTAS NO REGIONALISMO DE 1930	11
2 AS LUTAS PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA	15
3 PERSONAGEM, AUTOR E OBRA	19
3.1 A categoria personagem romanesca	19
3.2 Aspectos relevantes do autor e da obra	20
3.3 Ester: submissão e ousadia	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Este tem como objetivo principal analisar os comportamentos femininos submissos e ousados da personagem Ester expressos na obra *Terras do sem fim* de Jorge Amado, como também discorrer sobre a luta pela emancipação feminina, uma vez que durante muitas décadas as mulheres foram submissas aos homens, e foi por meio dessa luta, que as mesmas conseguiram obter alguns direitos, os quais antes se voltavam restritamente ao público masculino.

Discorreremos também acerca da questão das diferenças sociais, ou seja, a diferença entre os poderosos coronéis, sendo eles detentores do poder político e econômico, e os trabalhadores do cacau, a classe pobre, desfavorecidos e dominados pelos patrões. Essas questões são apresentadas pelos escritores de 1930, visto que eles procuravam apresentar em suas obras a realidade do povo de suas regiões específicas, como boa parte da narrativa de Jorge Amado abordando na maioria de seus textos os problemas sociais do povo baiano.

A escolha da temática partiu do interesse de analisar os comportamentos femininos da personagem Ester expressos na obra *corpus* da análise, uma vez que se trata de uma personagem a princípio submissa, dentro de um parâmetro moral e social exigido para a mulher da época e que no decorrer do texto consegue ampliar suas ações e modificar seu comportamento, descortinando novas possibilidades de realização do prazer de amar e ser amada, o que lhe vale um olhar minucioso por tratar-se de uma quebra de paradigmas até então inimaginável, tendo o adultério como culminância.

O trabalho está dividido em três partes, na primeira intitulada **Aspectos realistas no regionalismo de 1930**, são discutidos os principais aspectos dos estilos realistas e modernistas destacando uma escrita que aborda a realidade característica da região nordeste com suas dificuldades políticas, econômicas e sociais acarretadas principalmente pelo vasto período da estiagem.

É importante destacar que a década de 1930 ficou marcada na história da literatura brasileira, porque foi uma época em que os autores adotaram um novo posicionamento diante da realidade do Nordeste e começaram a apresentar em suas obras a luta de classes, as desigualdades sociais, a condição feminina e assim os romances tornaram-se veículos de denúncia social.

Jorge Amado obteve grande destaque na literatura, uma vez que retratou em suas obras a realidade do povo baiano, as desigualdades sociais, a condição feminina construindo assim uma narrativa que se mantém contemporânea, visto serem essas temáticas atemporais.

Na segunda parte, denominada **As lutas pela emancipação feminina**, abordamos a questão da submissão feminina, como também a luta pela emancipação das mulheres, sendo essa questão a que mais encontra espaço nas reflexões aqui pretendidas, uma vez que a luta feminista, excepcionalmente a partir do século XX com o surgimento do movimento feminista, começa a alcançar seus objetivos, o direito de votar e ser votada, salários iguais, educação e saúde. Sendo uma luta que perdurou anos, se constituindo em um espaço de amplos debates acerca dos direitos humanos.

Na terceira e última parte intitulada: **Personagem, autor e obra**, discorreremos primeiramente sobre a categoria personagem do romance momento, onde são destacados alguns aspectos característicos da construção e relevância deste aspecto na essência do enredo ajudando a compor a narrativa. Na sequência são abordados alguns elementos sobre o romancista Jorge Amado, apresentando alguns dados estilísticos e biográficos e construindo assim um importante panorama sobre o autor e a obra analisada. Por fim, analisamos a obra *Terras do sem fim*, romance publicado em 1943, cujo tema abordado refere-se aos comportamentos femininos submissos e ousados, tendo em Ester seu ponto central de reflexão uma vez que foi submissa ao esposo durante anos, e mesmo pertencendo à burguesia da época, era infeliz, fator que a levou buscar fora do casamento a felicidade que tanto almejava, encontrando no adultério a razão para sua satisfação enquanto mulher.

A obra também aborda a questão das lutas de classes, o poder político e econômico dos coronéis da região da Bahia. O poder dominante do coronel sobre os empregados como também sobre sua esposa, fator que concorre para a construção de uma imagem altamente machista, traduzido no ideal de paternidade e amplamente justificado através das ações arbitrárias de “pai de família”.

Ao final são apresentadas algumas considerações que contribuem para um debate amplificado acerca das questões feministas presentes na obra e um possível aprofundamento do estudo.

1 ASPECTOS REALISTAS NO REGIONALISMO DE 1930

Para abordarmos a questão do Regionalismo de 1930, faz-se necessário retomarmos alguns aspectos do Realismo; este surgiu na Europa, com as mudanças políticas, sociais e econômicas no âmbito do contexto da Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX. No Brasil, o Realismo foi adaptado à realidade do país, ou seja, os autores desse período procuravam, através de seus personagens, representar e denunciar as condições sociais da época, ao retratar homens e mulheres marginalizados, apresentando as mazelas da sociedade, como também a raça, o sofrimento dos trabalhadores e a condição feminina.

O Realismo, em certos aspectos, consiste na oposição do Romantismo, pois os escritores realistas retrataram a sociedade de forma real, sem idealizações. Como afirma Coutinho (1959, p.301) “[...] o documentário urbano-social de cunho realista preocupa, sobretudo o registro da realidade simples, à custa da observação de problemas e costumes da vida urbana de classe média”. Enquanto os autores românticos apresentavam em suas obras o sentimentalismo, a idealização da mulher, o amor platônico e a realidade subjetiva.

Já na década de 1930, o Brasil vivia um período conturbado, pois a sociedade estava tomando consciência da luta de classes, com o governo de Getúlio Vargas. Essa luta de classes é retratada também na literatura, pois através dela, os escritores denunciaram os problemas do povo marginalizado na sociedade.

O Regionalismo de 30 ficou conhecido como Neorrealismo, pois os escritores tomaram posição na luta de classes, denunciando os abusos das elites e as desigualdades sociais. Assim os escritores neorrealistas faziam de suas obras veículos de denúncia social, os personagens eram grupos de pessoas que viviam em condições econômicas, sociais e morais antagônicas, eram homens que lutavam contra a fome, pequenos burgueses em decadência. Dessa forma, os autores abordavam as questões mais problemáticas da sociedade e analisavam seus conflitos.

De acordo com Medeiros (1997, p. 89) “O Neo-realismo surge, assim, como movimento literário de intervenção e empenhamento social, cujo objetivo passa a ser o de analisar a experiência humana e expressar a sociedade”.

Houve uma conscientização no âmbito literário e intelectual, pois escritores passaram a enfatizar a realidade do país e principalmente o seu subdesenvolvimento. Como afirma Candido,

De um modo sumário, pode-se dizer que o problema do engajamento, qualquer que fosse o valor tomado como absoluto pelo intelectual participante, foi a tônica dos romancistas que chegaram à idade adulta entre 30 e 40. Para eles vale a frase de Camus: O romance é em primeiro lugar um exercício da inteligência a serviço de uma sociedade nostálgica ou revoltada. (BOSI, 2006, p.390).

Foi a partir da década de 1930 que o romance tornou-se mais significativo em termos de denúncia social, com Graciliano Ramos retratando a relação de poder entre os sertanejos massacrados pela seca e os poderosos patrões, José Lins do Rego apresentando o ciclo econômico da cana-de-açúcar, Rachel de Queiroz retratando as mazelas da seca do Ceará e Jorge Amado que, na primeira fase, abordou o contexto social da região cacauzeira da Bahia.

Com uma linguagem mais objetiva e realista, os regionalistas de 1930 buscavam a mudança social, conforme afirma Bosi (2006), os abalos sofridos pela sociedade brasileira na referida época, tais como a crise cafeeira, a revolução e o acelerado declínio do Nordeste condicionaram novos estilos ficcionais.

A segunda geração modernista, que teve como marco inicial a publicação da obra "A Bagaceira" de José Américo de Almeida apresentou novas possibilidades de realização artística por parte dos intelectuais. A produção literária da referida época ficou conhecida como "prosa regionalista", pois cada autor se preocupou em retratar os problemas sociais de sua região específica, utilizando dessa forma, a literatura como veículo de grande influência para o processo de transformação social. O Nordeste é bastante representado na literatura da época, visto que constitui uma região caracterizada por inúmeros problemas sociais.

A geração de 1930 procurou abordar temáticas que estivessem relacionadas ao grande problema social do Nordeste, isto é, a seca que periodicamente assola a referida região, assim como, também abordou temáticas relacionadas aos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, do cacau e do fenômeno do cangaço.

Segundo Medeiros (1997), o modernismo surgiu como movimento destruidor da tradição, pois este movimento mostrou-se diferente dos outros, apresentando em suas obras a "tomada de consciência" em relação aos problemas do país, visto

que, abordava a problematização do mesmo. Os modernistas inspiravam-se nos movimentos de vanguarda europeia, “a rebelião de 1922 começa por ordem estética”, mas logo adquire um sentido brasileiro tanto na prosa quanto na poesia. “De forte inspiração nacionalista, o modernismo privilegia a sua visão do homem aos aspectos psicológicos”. O modernismo interessa-se por tudo que é regional e nacional, portanto ele buscava no Nordeste assuntos para uma nova temática na literatura brasileira.

Foi na década de 1930 que ocorreu a transformação da cultura brasileira na literatura, pois os intelectuais e operários tiveram conhecimento das diferenças sociais no Nordeste, então, surgiu a “literatura de ênfase social”. Deste modo, nesta época, surgiu uma geração de romancistas, todos voltados para os problemas econômicos e sociais do Nordeste atribuindo um novo modo de pensar a “descontinuidade” das regiões do Brasil, e por isso, começaram a focalizar os grandes problemas sociais que deixaram conturbado o sistema político brasileiro.

Os romancistas de 1930 do Nordeste apresentavam uma nova forma para enfrentar a realidade humana e social, “aproximando a literatura da sociologia”, e assim mostravam a realidade mais eficaz de modo que, colocavam os problemas sociais em primeiro lugar, abordavam a problemática das secas, onde muitos retirantes morriam quando se deslocavam de um lugar para outro à procura de terras férteis. Conforme afirma Lucas,

Talvez o conjunto de romances do Nordeste constitua o documento mais enfático da disparidade social do país, pois a situação geográfica e histórica da região, de uma pobreza heroica e dependente, facilmente pode gerar mais vivamente o sentimento de protesto. Ali foi denunciada a actuação simultânea das forças telúricas e das instituições humanas para o esmagamento do homem e para tornar mais profundo o desnível entre as classes. (LUCAS, 1976, p.76)

Os romancistas denunciavam as situações de costume social de uma região e com isso, criavam com suas obras uma “literatura social neorrealista” revelando a decadência da civilização rural do Nordeste, da economia do cacau e da cana-de-açúcar. Como afirma Candido (2010, p.126) “o nosso modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência

literária”. Os escritores dessa época desenvolviam em suas obras um estilo simples, coloquial, com palavras comuns, como mostra Moisés,

No plano de estilo, observa-se o gosto pelo coloquial, e mesmo folhetinesco, sob o pressuposto de se dirigir ao leitor comum, de poucas letras, cuja causa ali se defende e a quem se pretende transmitir a consciência das injustiças que o reprimem. Dicção tão brasileira quanto permeável aos regionalismos de toda espécie [...]. (MOISÉS, 2008, p.139)

A linguagem romanesca da tradição da escrita culta foi deixada um pouco de lado. Os autores não escreviam de forma incorreta, apenas com uma linguagem mais informal, coloquial, para que todos os seus leitores pudessem compreender a obra.

O escritor Jorge Amado, pelo fato de ter escrito várias obras de cunho regionalista, está inserido neste contexto, pois abordava a realidade do povo marginalizado. Conforme Medeiros,

De temática político-social bem vincada, surge a obra de Jorge Amado, de espaço quase sempre baiano, onde foca a opressão dos desprotegidos, normalmente, da produção do cacau, num estilo onde impera a linguagem acessível, mas com um toque de lirismo, sobressaindo a sua solidariedade e profundo humanismo, como por exemplo, em Terras do Sem Fim, um dos seus romances com mais sucesso. (MEDEIROS, 1997, p.84)

Assim Jorge Amado tem grande destaque na literatura regionalista por retratar em suas obras a realidade do povo baiano marginalizado, os trabalhadores do cacau explorados pelos grandes coronéis e ainda as diversas posições que as mulheres ocupavam na sociedade de submissão, ousadia, exclusão e inferioridade, mostrando dessa forma, a condição feminina imposta na época.

2 AS LUTAS PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA

Ao longo de vários séculos, as mulheres não tiveram os mesmos direitos que os homens, na Grécia ocupavam a mesma posição que um escravo, pois realizavam trabalhos manuais e estes eram desvalorizados pelos homens livres. As mulheres deveriam trabalhar apenas em casa, pois as tarefas realizadas fora de casa consistiam em atividades nobres destinadas apenas aos homens. As mulheres eram excluídas da vida social e tudo o que elas faziam deveria ser para agradar aos homens, inclusive a educação feminina estava voltada a atender os interesses masculinos, tendo em vista que eram preparadas para cuidar da casa, do marido e dos filhos e tachadas como frágeis e dependentes. Como afirma Von Koss (2000, p. 93) “O patriarcado se estrutura em torno da autoridade masculina e se caracteriza pela ordenação do mundo em opostos hierárquicos, na raiz dos quais sempre encontramos a dualidade sexual básica entre macho e fêmea”. Com isso é possível perceber que o homem durante décadas apresentou-se superior a mulher e que ocorreu de forma contínua a dualidade entre feminino e masculino.

O desenvolvimento social acarretado pelo capitalismo originou a mudança de pensamento e ações em torno da divisão do trabalho, foi a partir desse acontecimento que a mulher passou a perceber a possibilidade de inserir-se no mercado de trabalho e conseqüentemente lutar pelos mesmos direitos dos homens, iniciando assim uma luta social com grandes conquistas percebidas até hoje nas sociedades contemporâneas.

A luta pela emancipação feminina começou com a Revolução Francesa no século XVIII, quando as mulheres se organizavam para lutar pela cidadania, para que pudessem ser enxergadas como mulher, fora de casa, pois elas tinham apenas o reconhecimento como mãe e esposa. Batalhavam contra a exclusão, e também contra todas as formas de dominação, pois a dominação masculina durou por muitos séculos como é possível perceber na afirmação de Monika Von Koss, “Por sua associação com a natureza, a mulher tem sido vista como inferior, necessitando ser domesticada, submetida e dominada, funções estas atribuídas ao homem como ser cultural, superior, dominante”. (VON KOSS, 2000, p.154)

Percebe-se assim que a mulher não detinha nenhum tipo de direito que lhe assegurasse dignidade, respeito e valorização fator que não passou incólume, culminando com a luta feminista tão amplamente constituída ao redor do mundo,

tendo nas mais variadas formas de reivindicação, um longo processo de luta social em prol da equidade de gênero.

Pinto (2003) afirma que no movimento feminista, considerado uma importante ocorrência do século XX, podem ser identificadas três vertentes diferentes. A primeira liderada por Bertha Lutz, considerada a mais forte e organizada, que abordou como questão principal “a incorporação da mulher como sujeito portador de direitos políticos”, esta é a face mais comportada.

A segunda vertente, formada por mulheres intelectuais, professoras, escritoras e jornalistas, mulheres cultas lutavam pelas questões da educação das mesmas, como também por outras questões, até em assuntos que não eram comuns à época, como o divórcio e a sexualidade. Essa vertente “pode ser chamada de feminismo difuso”, expresso nas diversas manifestações da imprensa feminina. Foi a face menos comportada do feminismo no Brasil no interior do século XX.

A terceira vertente manifesta-se no movimento anarquista, e depois no partido comunista. Apresenta mulheres intelectuais e trabalhadoras, “militantes desses movimentos que defendiam a libertação das mesmas, pois na maioria das vezes eram exploradas nos trabalhos”. Esse foi o feminismo menos comportado e apresentou como expoente Maria Lacerda de Moura.

Conforme Beauvoir (1967, p.81) “O mundo sempre pertenceu aos machos”. Isso mostra que os homens durante décadas estiveram como donos do “mundo” e as mulheres submissas a eles, fazendo continuamente suas vontades.

Isso mudou desde que as mulheres começaram a lutar por seus direitos e para isso foram organizados vários movimentos feministas e foi por meio destes movimentos e com muita luta que as mulheres conseguiram alcançar a maioria de seus objetivos, votar e ser votada, saúde, educação, e isso aconteceu principalmente com o surgimento da constituição de 1988 que lutava pelos direitos dos cidadãos e nela foi estabelecida que as mulheres deveriam obter os mesmos direitos que os homens e foi o que de fato aconteceu, em partes, pois nos dias atuais as mulheres exercem as mesmas funções que os homens, sendo que os homens ainda estão a frente das mulheres.

E apesar dos próprios homens tentarem frear a libertação das mulheres, porque as enxergavam como concorrentes, não conseguiram, pois estas continuaram lutando por seus direitos de igualdade.

Os antifeministas queriam provar a inferioridade feminina, essas sendo negras, deveriam ser escravas, e ainda servir aos patrões na cama. Quando brancas, muitas vezes casavam contra vontade, apenas para fazer a vontade dos pais, com homens ricos, mais velhos e logo se tornavam subservientes a eles, em muitos casos teriam que aceitar o esposo ter relações sexuais com as empregadas.

As mulheres almejavam a aprovação ao voto, mas como não conseguiram, ficaram inconformadas e por isso um grupo formado por elas fundou no ano de 1910 o Partido Republicano Feminino, este foi um partido político composto por pessoas que não tinham direitos políticos e que apresentavam o objetivo de tornarem-se cidadãs dotadas de benefícios, sendo um destes, o voto. Mas mesmo com todas essas lutas os presidentes da república continuavam não incluindo o grupo feminino para exercer o voto.

Apesar de todas essas dificuldades, elas continuaram na batalha, então surgiu “A Federação Brasileira para o Progresso Feminino” liderado por Bertha Lutz, e com toda essa batalha conseguiu o apoio de um senador do Rio Grande do Norte Juvenal Lamartine, que se apresentava como favorável a constituição do projeto que legalizava o voto das mulheres, mas este foi reprovado pelo senado.

Pinto (2003) afirma que em 1932 chegou ao fim a luta das mulheres pelo direito ao voto, pois o novo código eleitoral inseriu a mulher como detentora do poder de votar e ser votada. O movimento feminista brasileiro buscou autonomia na política, defendia a condição de dominada das mulheres, pois estas enfrentavam muitos problemas por causa da exclusão. Alves afirma que,

A partir da época de 60, o feminismo incorpora portanto outras frentes de lutas pois, além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos – políticos, trabalhistas, civis - , questiona as raízes culturais destas desigualdades. Denuncia, desta forma, a mística de um “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher, calcada em fatores biológicos. (ALVES, 1985, p.54)

Então as mulheres não lutavam apenas pelos direitos de igualdade, também para que a inferioridade das mesmas chegasse ao fim, pois eram enxergadas como inferiores logo após o nascimento, mas desejavam que essa desigualdade acabasse, pois não eram frágeis e inferiores como os homens e a sociedade demonstrava.

“O sucesso do movimento feminista nas últimas décadas tem levado à reavaliação do papel do homem e da mulher na sociedade, no trabalho, nos relacionamentos amorosos, criando cada vez mais espaço para a mulher no mundo e, com ela, para os valores femininos”. (VON KOSS, 2000, p.172). O movimento feminista foi de extrema importância para as mulheres, pois foi por meio desta organização que conseguiram destacar-se na sociedade. Antes disso, a mulher era vista como um ser passivo e o homem como ativo, para caracterizar sua condição de submissão. A autora ainda afirma que é possível perceber a subordinação da mulher ao homem. A mulher é enxergada na sociedade como doméstica, dependente, humilde e dedicada ao próximo e ao homem, habilitada para atender as necessidades físicas e emocionais dos outros. Já o homem, é visto como dominante, autoconfiante, o que se espera dele, é o sucesso, liderança, controle das emoções, para assim ser habilitado a exercer o papel de protetor e autoridade.

É possível percebermos que desde antigamente até os dias atuais, as mulheres enfrentam problemas para serem enxergadas e exercerem os mesmos direitos que os homens, essa é uma luta constante, pois os homens estão sempre à frente das mulheres e dessa forma são apresentadas, na maioria das vezes, como submissas.

3 PERSONAGEM, AUTOR E OBRA

3.1 A categoria personagem romanesca

O romance entendido como um espaço plural com perspectivas sociais diversas oportuniza uma representação de linguagens que tende a aproximar o leitor do ambiente narrativo e assim estabelece conexões de sentidos e vivências. Por essa razão, a construção da personagem torna-se uma ação primordial dentro do contexto narrativo, uma vez que é ela quem se constitui em elemento de identificação com o leitor, contribuindo para que este seja capaz de realizar análises sociais mais específicas o que favorece a percepção do texto literário como um ambiente de reflexão acerca das transformações pelas quais a sociedade passa.

Sobre esse aspecto, Brait esclarece:

A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer. Se nos dispusermos a verificar o processo de construção de personagens de um determinado texto e, posteriormente, por comparação, chegarmos às linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor (...) temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise. (BRAIT, 2006, p.68)

Desse modo, perceber a forma de construção da personagem favorece a possibilidade de entendimentos sobre os aspectos sociais que motivaram a proposição da obra. É um processo que se completa graças ao entrelaçamento entre todos os elementos da narrativa, construindo assim um imbricado conjunto de sentidos em que a personagem congrega boa parte das significações.

Nesse sentido, torna-se pertinente afirmar que a construção da personagem se constitui em um momento de grande responsabilidade para o autor, sobretudo porque consiste em dar voz a um ser fictício dentro de uma perspectiva do real. Através de recursos de caracterização que possam ocasionar essa aproximação, a construção da personagem leva em conta a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeções, transferências dentre outros aspectos que concorrem para dar sentido ao romance (Candido, 2003).

De fato, essa identificação realizada pelo leitor e pretendida pelo autor no romance é o resultado de uma complexa eleição de características que contribuem para endossar a relação ficção/realidade, corroborando a coerência do que será lido e absolvido. Não se trata de um construto à parte, é antes de tudo um exercício contínuo de transformação e (re)significação sociológica, cultural e psicológica.

Candido afirma que,

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem, mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda, mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. (CANDIDO, 2003, p.59)

Essa afirmativa contribui para o entendimento de que a personagem atua dentro do romance como um elo coeso. É um elemento narrativo carregado de significações, as quais não se deram de forma aleatória, se configurando assim como o resultado de um momento criativo intencional com a função de ocasionar múltiplas ações dentro e fora do contexto narrativo, materializando assim o sentido social da literatura.

3.2 Aspectos relevantes do autor e da obra

Jorge Amado é um dos autores mais conhecidos e famosos da literatura brasileira do século XX. Nasceu em 10 de agosto de 1912 na fazenda Auricídia em Ferradas, distrito de Itabuna, Bahia, filho do casal João Amado de Farias e Eulália Leal, pouco tempo após seu nascimento mudou-se para Ilhéus com a família, onde viveu a infância.

Na fazenda mantinha amizade com os trabalhadores do seu pai. E foi através dessa amizade que o autor percebeu as questões sociais abrangentes no país, conforme afirmou durante uma entrevista, “Foi a amizade com os trabalhadores do cacau que me despertou a consciência do social”. (AMADO *apud* GOMES, 1981, p.6).

Depois de alfabetizado pela mãe, Jorge Amado entrou no colégio dos Padres Jesuítas, e lá com a ajuda do padre Luiz Gonzaga Cabral começou a tomar gosto

pela leitura, o referido padre lhe emprestava livros, o que contribuiu para despertar nele a paixão pelos livros. Entretanto, a disciplina do internato o desagradava e por esse motivo fugiu do colégio em Salvador e foi para o interior da Bahia, onde passou um tempo nas ruas, até chegar à casa do avô em Sergipe. De lá voltou para a casa dos pais. Amado, analisa essa fuga, da seguinte forma: “Eu tinha menos de treze anos naquela época. Foi uma coisa muito importante pra mim essa fuga. Eu atravessei todo o sertão da Bahia até Sergipe”. (AMADO *apud* GOMES, 1981, p.8).

Dois anos depois da fuga, ele começou a trabalhar em um jornal, e aos 18 anos escreveu seu primeiro romance “O País do Carnaval”, considerado sua estréia na literatura, e essa foi a primeira de muitas outras obras, pois Amado escreveu além de 23 romances, contos, poesias, biografias, peças de teatro, histórias infantis e até um guia de viagem.

Em 1930, Jorge Amado fez amizade com indivíduos importantes da política e das letras, na qual “a convivência com o chamado movimento de 30 marcou profundamente sua personalidade e preocupação que reteve com problemas brasileiros”. (GOLDSTEIN, 2008, p. 81).

Por se sensibilizar com as desigualdades do país, Jorge Amado associou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), pois essa entidade lutava por melhores condições de vida dos trabalhadores e do povo.

O autor coloca seus personagens de forma verossímil, ao mostrar a realidade desmascarada ao público, ou seja, apresenta o personagem de forma mais real possível. Como mostra Candido (2005, p.54) “Não espanta, portanto que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura desta dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor”. Seus personagens são na maioria negros, coronéis, prostitutas, baianos e malandros.

Em relação à divisão das obras amadianas a crítica literária não entrou em consenso, entretanto, Moisés mostra que a trajetória do autor está dividida em três fases: “a primeira, corresponde às obras iniciais até São Jorge dos Ilhéus; a segunda reúne Seara Vermelha e subterrâneos da liberdade; e a terceira, tem início com Gabriela Cravo e Canela. [...] Cada fase, apresenta uma nota predominante, uma temática central [...]”. (MOISÉS, 2008, p.159-160).

Para Franco Jr. 2008, a obra literária de Jorge Amado pode ser dividida em duas fases. A primeira fase mostra um forte apelo revolucionário e a exposição dos

problemas sociais brasileiros. “[...] esses romances vão polarizar as questões da época, mostra a crise social, e as desigualdades, a denúncia das situações das camadas populares, dos trabalhadores e dos sem-trabalho, do lúmpem¹”. (DUARTE *apud* FONSECA, 1995, p.53). Já na segunda fase o autor, mostra os costumes do povo, explora as questões de liberdade e romantismo sentimental. “Nessa fase, o romancista se volta para o registro dos costumes que caracterizam o hibridismo da sociedade e da cultura brasileiras”. (FRANCO JÚNIOR, 2008, p.41).

Foi a partir de 1950 que as obras de Jorge Amado passaram a apresentar o humor, a sensibilidade, a miscigenação e o sincretismo religioso. “Apesar de não terem estado ausentes na literatura, esses elementos passam agora a ocupar o primeiro plano, e seus romances apresentam um posicionamento político mais nuançado”. (GOLSDTEIN, 2008, p.83). Assim, as obras de Jorge Amado representam a realidade do povo brasileiro, mais precisamente baiano, o poder que os coronéis exerciam sobre os trabalhadores do cacau, como também sobre suas esposas e demais pessoas da região cacauzeira.

“Terras do Sem Fim”, livro publicado por Jorge Amado após seis meses de censura e perseguições políticas, foi publicado em 1943. O escritor foi preso duas vezes em 1936 e 1937, após a publicação de “Mar Morto” e “Capitães da Areia”. O romance foi escrito em 1942 quando Amado estava exilado na Argentina. “Vivi entre a Argentina e o Uruguai em 41 e 42.

O enredo de *Terras do Sem fim* está centrado na disputa de terras pelos coronéis, Horácio da Silveira e os irmãos Badarós, pois estes lutam pelas terras do Sequeiro Grande, cujo solo é fértil e muito lucrativo, e por isso trará poder, dinheiro e prestígio social. Mas a narrativa também é composta por histórias de amor, dor, perda, traição e morte. É possível afirmar que o núcleo ideológico do enredo se resume nas palavras: terra, dinheiro, cacau e morte.

A história mostra que a maioria das pessoas que vinham para Tabocas chegavam com o sonho de riqueza, ganhar muito dinheiro trabalhando nas terras do cacau, esses trabalhadores desejavam melhorar de vida, ganhar muito dinheiro e voltar para casa, ricos. Como mostra Jorge Amado, “Buscar com que conquistar a bem – amada, buscar o ouro que compra a felicidade. Esse ouro que nasce nas

¹Lúmpem: Pessoa sem ocupação profissional definida.

terras de Ilhéus da árvore do cacau. Uma canção diz que jamais voltarão que nessas terras a morte os espera atrás de cada árvore”. (AMADO, 1977, p.28).

A obra aborda também a traição, pois, Ester mulher do coronel Horácio da Silveira que era submissa a ele, e que havia se casado sem vontade, pois tinha outros sonhos, queria morar no exterior, casar com um homem novo, bonito, por amor, isso não aconteceu, visto que se casou com Horácio um homem mais velho, contra sua vontade, sem gostar dele, vivia infeliz e por esse motivo quando conheceu Dr. Virgílio advogado de seu marido apaixonou-se e começou a trair Horácio com ele. Esse fato acontece, porque a mulher não ama o marido, não se sente feliz e também por alimentar ilusões amorosas, como no caso de Ester.

Ester se recorda do dia do casamento. No dia que casara, nesse mesmo dia, havia vindo para a fazenda. Ester estremece na rede ao lembrar. Fora a sua maior sensação de horror. Se lembrava que antes, ao ser anunciado, a cidade se encheu de cochichos, de dissés-não-dissés. [...] Um noivado sem beijos, sem carícias sutis, sem palavras de romance, tão diferente do noivado que Ester imaginara um dia, na inquietude do colégio de freiras.

[...]Evirgílio surgia como um cavaleiro andante, um mosqueteiro, um conde francês, mistura de personagens de romances lidos no colégio, todos nobres, audazes e belos.(AMADO,1977, p.57-82).

Com isso, é possível perceber que desde o anúncio do casamento Ester mostrou-se triste e com a chegada de Virgílio isso mudou, pois ela enxergava nele a realização de seus sonhos, a realização pessoal e sexual, sendo que não se trata apenas do sexo, pois Ester encontra em Virgílio o amor e o cavalheirismo que o marido nunca lhe dera.

Pode-se compreender essa obra como uma mudança entre a produção literária focalizada em um projeto social, para uma baseada na apresentação dos costumes do povo da Bahia. Amado nessa obra troca os papéis principais, pois passa a focalizar os coronéis como personagens precursores das ações na narrativa e não a classe trabalhadora, o povo injustiçado. Sendo que o povo trabalhador continua sendo apresentado como pessoas exploradas, sofredoras e assim têm destaque nas narrativas. “A preocupação de dar uma amostra do real sensível, entrevisto pela luta de classes, mas sempre atenuando o clima de opressão com uma pitada de lirismo [...]. Seu amor arrebatado pelo povo levava-o a tomar uma posição bem definida frente aos problemas”. (GOMES, 1981, p.118).

Os trabalhadores aparecem no romance como vítimas do flagelo social, ou seja, um sofrimento operado nas fazendas de cacau no Sul da Bahia. “O romance alterna o relato das trajetórias e conflitos interiores dos personagens com a análise de sua vinculação ao quadro socioeconômico, político e cultural do Sul da Bahia durante o ciclo do cacau”. (FRANCO JÚNIOR, 2008, p.41). *Terras do Sem Fim* aborda a denúncia da exploração sofrida pelos trabalhadores das roças do cacau. O autor está sempre mostrando a crítica social, os problemas da sociedade em suas obras, inclusive em *Terras do Sem Fim*. “[...] romance da primeira fase, apresentando um tratamento maduro na abordagem da estrutura social e dos personagens, flagrando contradições próprias da formação sociocultural brasileira.” (FRANCO JÚNIOR, 2008, p.41).

A obra apresenta relação com a sociedade em que foi produzida, pois mostra uma sociedade capitalista, baseada no lucro, na produção dos bens de consumo e etc. “O panorama socioeconômico é um pano de fundo que revela uma época de conflitos e contrastes evidentes”. (FRANCO JÚNIOR, 2008, p.50).

O autor com o seu realismo crítico nos faz refletir sobre os problemas sociais mais marcantes, os quais são possíveis encontrar atualmente, e nos permite perceber que Amado, assim como outros autores Neorrealistas, não escreviam apenas pelo trabalho artístico, e sim para “conscientizar o leitor de problemas reais de seu tempo. O romance é para eles, pois, de intervenção social: o objetivo era criticar ou denunciar um problema social para contribuir para sua solução” (ABDALA JUNIOR, 1993, p.11).

Esse realismo mostrado na obra *Terras do Sem Fim* foi vivido pelo pai de Jorge Amado, pois este na fazenda e convivia com os trabalhadores do local, também participou das grandes lutas do cacau e de terras. A luta era para demonstrar e resolver quem ficava com esses terrenos, pois não era de ninguém, como mostra em *Terras do Sem Fim* a luta pelas terras do Sequeiro Grande. Deste modo, Jorge Amado afirma,

Meu pai foi um homem que viera muito cedo de Sergipe, da cidade de Estância. Viera no início do século, quando das grandes lutas envolvendo o cacau, ele se envolveu nessas lutas, participou delas. A terra não era de ninguém, era mata, ele veio para ocupar a mata. A luta era para ver quem ficava com as melhores terras para plantar cacau. Meu pai plantou essa fazenda Auricídia – aliás, a saga contada em *Terras do Sem Fim*. (AMADO *apud* GOMES, 1981, p.4).

É possível ter esse olhar crítico sobre a obra quando conhecemos o material literário do autor e sua biografia, porque quando analisamos uma obra é importante considerarmos a figura do criador, da criatura e do contexto, como afirma Candido (2010) que a análise de uma obra literária só pode ser compreendida a partir do momento em que fundimos o texto ao contexto.

3.3 Ester: submissão e ousadia

Na obra *Terras do Sem Fim* a personagem Ester continuamente mostra-se subserviente ao pai, pois casou-se com coronel Horácio da Silveira apenas para fazer a vontade do mesmo, porque o coronel era um homem rico e poderoso e ao casar-se com ele Ester teria vida “boa”, fato que para ela seria uma tristeza, pois não era sua vontade. Deste modo, o casamento de Ester com o coronel foi um arranjo econômico, um modelo da época, não tinha a ver com amor, por isso ela sofre. Como mostra Amado, “[...] quando um dia seu pai, muito alegre, lhe comunicou que o coronel Horácio, um dos homens mais ricos da zona, pedia a sua mão, ela se contentou em chorar”. (AMADO, 1977, p.56). Ester tinha outros sonhos desde a época que morava no colégio, mas tudo aconteceu diferente do que ela desejava, pois acabou casando para fazer a vontade do pai.

Von Koss afirma que, “O casamento era uma negociação entre famílias, conduzidas e decidida pelos chefes destas famílias”. (VON KOSS, 2000, p.165). Esse casamento sem amor, apenas por medo, com os sonhos de estar em outro lugar relegados a um segundo plano, mostra-nos uma personagem submissa. E por meio dessa vida amargurada que passou a levar, vivia assustada, com pesadelos horríveis.

Horácio chegou junto da rede. Ester mal teve tempo de enxugar as lágrimas. [...] – Por que diabo está chorando? Sua vida é chorar? Não tem tudo o que quer? Que é que lhe falta? Ester prendeu o soluço: - Não é nada . . . Besteira minha . . . [...] – Enxugue esses olhos, mande fazer um jantar direito que vem comer aqui o Dr. Virgílio, esse advogado novo que tá em Tabocas e é protegido do Dr. Seabra . E você se vista direito também. É preciso mostrar ao moço que a gente não é bicho-do-mato. (AMADO, 1977, p. 62).

Percebe-se nesse trecho que a personagem mantém uma relação de submissão ao marido, traduzida na justificativa das lágrimas, é um espaço de descontentamento que não traduz nenhum tipo de ação para a resolução de seus conflitos interiores. A maneira como o marido se dirige à esposa denota um lugar de superioridade típico da época, subestimando as vontades da mesma e se colocando no lugar de “orientador” ao aconselhar a maneira que a personagem deveria se vestir.

O desenvolvimento do enredo traz para o leitor possibilidade de uma solução para esse problema, através da expectativa criada em torno do sofrimento de Ester e da sucessão de acontecimentos ocorridos na sua angústia de mulher casada. Ao conhecer o advogado do coronel ela logo se apaixona e começa a pensar nele a todo o momento, sonha em revê-lo e acaba mantendo um caso amoroso com ele. Essa gradação de acontecimentos mostra que Ester busca superação de si em si mesma, dessa forma a personagem passa por mudanças psicológicas.

Sobre esse aspecto, Beauvoir apresenta um caso semelhante

[...] logo depois de casar ela percebeu que não amava o marido. As relações carnavais que tinha com ele enojavam-na, censurava-lhe o passado, achava-o velho e aborrecido, só manifestava hostilidade às idéias dele, parece, de resto, que ávido e brutal na cama, ele a negligenciava e tratava duramente. Aos gritos de desespero, às confissões de tédio, de tristeza, de indiferença, misturam-se, entretanto, em sonegação, protestos de amor apaixonado: ela quer sempre ter a seu lado o esposo bem-amado; mal ele se afasta, ela fica torturada pelo ciúme. (BEAUVOIR, 1967, p.219-220).

Beauvoir mostra que isso acontece por causa da falta do amor verdadeiro e por esse motivo, sente um vazio no coração, e esse vazio é preenchido com ansiedade, exigências e ciúme. A personagem Ester traz na construção de seu cotidiano a mesma situação recorrendo ao adultério como solução para seus problemas de ordem pessoal e psicológica. É um aspecto que traz para a narrativa uma justificativa social para além dos parâmetros morais uma vez que se constrói como uma possibilidade real vivenciada pela personagem de forma lúcida e aceitável, se constituindo em um momento de libertação e (re)significação da sua situação enquanto mulher.

Apesar de Ester ter sido contra o casamento, casou-se com Horácio para fazer a vontade do pai e passou quase toda a vida infeliz, mas depois de conhecer o Dr. Virgílio e começar a trair o marido assumiu dois papéis: o de esposa dedicada e

amante, fator que concorre para uma emancipação social dentro da narrativa uma vez que ainda estava casada com o coronel e mostrava-se um pouco submissa ao mesmo, fazia todas as suas vontades permanecendo dentro do padrão moral aceitável:

Ester não abandonava a cama do enfermo, estava magra, era uma dedicação sem limites. [...] Horácio nunca se sentira tão feliz como no fim dessa febre, que lhe provara a dedicação da esposa. E isso o fazia ativo, dando ordens, não só aos trabalhadores como a Maneca Dantas e a Braz que, naquele dia, o haviam vindo visitar. (AMADO, 1977, p.241).

Após de conhecer o advogado e surgir todo esse sentimento pelo mesmo e como o caso não tinha se aprofundado, uma noite o coronel resolveu ter relação sexual com a esposa e Ester entregou-se de corpo e alma, até comportou-se de forma diferente nessa noite na hora de ter relação sexual com o esposo, mas tudo isso aconteceu porque ela estava pensando em Virgílio que estava no quarto ao lado. O coronel até observou a diferença e pensou que a mulher estivesse começando a amá-lo, sendo que ela estava apenas sonhando com o outro e esse foi um comportamento ousado, pois não era seu costume esse tipo de atitude. Conforme afirma Jorge Amado,

Ester vê Virgílio, suas mãos cuidadas, seus lábios carnudos, e sente no sexo, coisa que ela nunca sentiu, um de morrer nos braços dele. Na garganta um estrangulamento como se fosse soluçar. Horácio estende as mãos sobre Ester. Delicadas e Horácio por cima dela, Virgílio é aquele por quem ela esperou desde os dias longínquos de colégio . . . Estende as mãos procurando os seus cabelos para acariciá-los, esmaga nos lábios de Horácio os lábios desejados de Virgílio . . . E vai morrer, sua vida escoada pelo sexo em chamuscas. (AMADO, 1977, p.101).

Beauvoir afirma que, “O casamento, frustrando a mulher de toda satisfação erótica, denegando-lhe a liberdade e a singularidade de seus sentimentos, a conduz, através de uma dialética necessária e irônica, ao adultério”. (BEAUVOIR, 1967, p. 317). Ester vivia um casamento frustrado, infeliz, com outros desejos. Quando conheceu o Dr. Virgílio, encontrou nele, a realização do prazer de amar e ser amada.

Com o advogado, Ester sentia o que nunca havia sentido antes, era um desejo imenso, desejava vê-lo sempre, por mais que fosse perigoso, arriscava-se, pois se sentia feliz, amada, mulher.

O portão está semi-encostado, ele empurra e entra. Sob uma árvore, envolta numa capa, banhada de lua, Ester o espera. Corre para ela, toma-lhe das mãos: - Meu amor! [...]Debaixo da capa, Virgílio encontrou nuinho o corpo de Ester. Cama de luar, lençol de estrelas, suspiros da hora da morte que são suspiros e os ais da hora extrema do amor. (AMADO, 1977, p.180).

Esse foi outro comportamento extremamente ousado de Ester, pois ela foi se encontrar com o amante sem roupas apenas com uma capa cobrindo o corpo. E a partir desse encontro, aconteceram outros e as pessoas logo estavam comentando sobre o envolvimento dela com o advogado, mas ela estava feliz vivendo momentos que nunca havia vivenciado com o esposo. Conforme Durigan,

A transformação maravilhosa concede-lhe poder de sedução e a transgressão à norma. O proibido que o leva a atuar no sentido de obter prazer e realizar seu desejo sexual. É então através da dupla transgressão (regras do real e regras da norma instituída) que se caracterizam os contornos do espaço do desejo da personagem, e sua busca de prazer. (DURIGAN, 1985, p.79).

Foi com o Dr. Virgílio, o amante, que Ester teve a primeira noite de prazer, coisa que nunca havia sentido com seu esposo, pois a relação que tinha com o mesmo apenas a frustrava, não a deixava a vontade pelo fato de não amá-lo, apresentava-se continuamente como submissa, e por isso acabou traindo ele com o advogado, e foi através dessa traição, que ela buscou um pouco de autonomia, passando a se comportar diferentemente, fazendo suas vontades, tomando algumas decisões, demonstrando um comportamento que não havia apresentado antes em sua vida durante o casamento. Esse fato é possível perceber em comportamentos ousados de Ester.

Quando Virgílio chegara, da primeira vez, ela apenas lhe perguntou se sabia notícias do filho que ficara em Ilhéus, ele não conseguiu quase vê-la só. E quando a viu e a beijou, foi por um momento, quando ela voltava da cozinha para o quarto com uma bacia de água quente. (AMADO, 1977, p.241).

Este foi outro comportamento ousado de Ester, pois ela estava cuidando do esposo doente e apesar de mostrar-se cansada, quando o amante chegou ainda o beijou sabendo que o esposo estava no quarto e que alguém poderia vê-los; mesmo

com medo que sua traição fosse descoberta, Ester arriscava-se para viver um romance com o homem que sempre sonhou.

Deste modo a relação entre os amantes era recíproca, pois os dois se amavam, Ester encontrou em Virgílio o que sempre sonhou amor, carinho, dedicação, como também o prazer. E assim Ester se sentia feliz, pois estava vivendo momentos que não havia acontecido antes em seu casamento, um arranjo econômico feito pelo pai da mesma com um homem grosso, rude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante décadas as mulheres foram submissas aos homens, até que começaram a lutar por seus direitos para obterem os mesmos direitos que eles, e essa luta perdura até os dias atuais, sendo por meio dessas lutas que as mulheres começaram a conseguir autonomia.

Ao longo do trabalho discutimos sobre a submissão e a ousadia da personagem Ester, pois esta no início mostrou-se submissa ao esposo e ao longo da narrativa foi mudando seu comportamento, tornando-se dessa forma uma mulher ousada, cometendo o adultério. Essa foi a maneira que a personagem encontrou para conseguir um pouco de autonomia, porque depois que começou a traição demonstrou alguns comportamentos ousados, sendo capaz de se encontrar com o amante dentro da sua própria casa. Mas mesmo cometendo o adultério em sua casa não deixou de ser submissa ao marido, pois continuou a comportar-se de acordo com o que era aceito pela sociedade, cuidou dele quando estava muito doente.

Apesar do poder dos homens sobre as mulheres, algumas se transformam, buscam viver de outra maneira, deixam de ser submissas, como no caso de Ester que não deixou totalmente de ser submissa, mas foi ousada traindo o esposo. Dessa forma a traição de Ester se configura como uma autoconsciência da mulher de sentir-se mulher, amada desejada assim seria feliz e obtinha um pouco de autonomia. Ester se sentia infeliz fazendo apenas as vontades do pai e do esposo, principalmente pelo fato de almejar outros sonhos, e uma realidade bem diferente da qual se encontrava. Por isso quando encontrou um homem que poderia ser a sua felicidade e a realização de seus sonhos foi ousada, traindo seu esposo em encontros arriscados. Essas modificações de acontecimentos é o que leva a mudança social e psicológica pelas quais a personagem passa.

Podemos inferir que os comportamentos femininos submissos e ousados da personagem Ester ocorrem de acordo como meio em que vive, pois ao longo da vida ela foi submissa, primeiro ao pai e em seguida ao esposo, tornou-se uma mulher frustrada devido à hierarquia do pai e depois do poderoso coronel, dessa forma, a maneira que a personagem encontrou para buscar um pouco de autonomia foi sendo ousada, comportando-se de um modo diferente cometendo assim o adultério, visto que, essa foi a maneira que ela encontrou para a sua satisfação enquanto mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, Júnior Benjamim. **O Romance racial brasileiro**. São Paulo/SP: Scipione, 1993.
- ALVES, Branca. Moreira. **O que é feminismo**. São Paulo/SP; Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. 35.ed. Rio de Janeiro/RJ: Record, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 2. ed. São Paulo/SP. Difusão Europeia do livro, 1967.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**.43.ed. São Paulo/SP: Cultrix, 2006.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8 ed. São Paulo:Ática, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 11ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Ouro sobre azul, 2010.
- _____. **A personagem de ficção**. 11ª ed. São Paulo/SP; Perspectiva, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro/RJ. Editora Civilização Brasileira. 1ª ed. 1959.
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo/SP: Ática, 1985
- FONSECA, Aleiton. As lições de Jorge Amado. In: **Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura**. (org.) Flávio Gonçalves dos Santos, Inara de Oliveira Rodrigues, Laila Brichta. – Ilhéus, BA. Editus, 2013.
- FRANCO, Junior, Arnaldo. Sociedade em formação: terras do sem fim e tenda dos milagres. In: GOLDSTEIN (org.) Norma Seltzer. **Caderno de leitura: A literatura de Jorge Amado**. São Paulo/SP: Companhia das letras, 2008.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Caderno de leitura: A literatura de Jorge Amado**. São Paulo/SP: Companhia das letras, 2008.
- GOMES, Alvaro Cardoso. **Jorge Amado: Literatura Comentada**. (seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios). – São Paulo: Abril. Educação, 1981.
- KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dançadas polaridades**. São Paulo/SP: escrituras Editora, 2000.
- LUCAS, Fábio. **O caráter social da literatura brasileira**. 2ª edição, São Paulo/SP. Edições Quíron, 1976.

MEDEIROS, Maria de Fátima Voz de. **O Neo - Realismo Português e o Romance de 30 do Nordeste.** In: A lus-Brasilidade na obra de Miguel Torga, P. Delgada. Universidade dos Açores, 1997 (dissertação de mestrado em cultura luso-brasileira, orientada pela prof^a Doutora Maria Margarida Maia Gouveia. PP. 80-97).

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Modernismo** –6^a ed. São Paulo/SP: Editora Cultrix, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu. Abranso, 2003.